

## ENTREVISTA

### **Conversa de porta aberta com Fátima Lima: “EPISTEMOLOGIA DA PEDAGOGIA ANTIRRACISTA: alternativas ao pensamento hegemônico estrutural”**

Patrícia Baroni<sup>1</sup>

Allan Rodrigues<sup>2</sup>

Luís Paulo Cruz Borges<sup>3</sup>

#### **RESUMO**

A entrevista do presente dossiê, que focaliza a “*EPISTEMOLOGIAS DA PEDAGOGIA ANTIRRACISTA: alternativas ao pensamento hegemônico estrutural*”, foi concedida pela professora doutora Fátima Lima. Mulher, nordestina, negra, lésbica, militante e muitas coisas mais. Professora Associada da Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ/*Campi* Macaé. É colaboradora da Organização Não-Governamental ‘Casa das Pretas’. Professora do Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PIPGLA/UFRJ), do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico Raciais (PPRER/CEFET/RJ) e do Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social do Instituto de

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Coordenadora do grupo de pesquisa e extensão Ecologias do Narrar. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1570-9816>. E-mail: [patybarone@gmail.com](mailto:patybarone@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutor em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro e Universidade Estácio de Sá. Coordenador do Grupo de Pesquisa Conversações Curriculares e Coletivos Docentes. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0233-7697>. E-mail: [allanrcr@id.uff.br](mailto:allanrcr@id.uff.br).

<sup>3</sup> Doutor em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professor do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (CAP-UERJ). Procientista pelo Programa de Incentivo à Produção Científica, Técnica e Artística (PROCIÊNCIA/UERJ- FAPERJ). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2153-5229>. E-mail: [borgesluispaulo@yahoo.com.br](mailto:borgesluispaulo@yahoo.com.br).

Psicologia (PPGPCESI-UFRJ). Coordenadora do Grupo ORI - Grupo de pesquisa em Raça, Gênero e Sexualidade (CNPq). O dossiê focaliza reunir um conjunto de epistemologias da pedagogia antirracista problematizando as narrativas lineares e únicas presentes na contemporaneidade. Em sua entrevista Fátima indica pistas, mas paradoxalmente nos coloca diante de encruzilhadas epistêmicas, políticas e educativas. Sua voz ecoa, também, indicando que muitas outras mulheres, algumas já ancestrais, abriram caminho para que hoje pudéssemos seguir.

**Palavras-Chave:** epistemologias negras; antirracismo; escrevivências.

### **Open door conversation with Fátima Lima: "EPISTEMOLOGIES OF ANTI-RACIST PEDAGOGY: alternatives to structural hegemonic thinking"**

#### **ABSTRACT**

The interview in this dossier, which focuses on "EPISTEMOLOGIES OF ANTI-RACIST PEDAGOGY: alternatives to structural hegemonic thinking", was given by professor Fátima Lima. Woman, northeastern, black, lesbian, activist and many more things. Associate Professor at the Federal University of Rio de Janeiro/UFRJ/Campi Macaé. She is a collaborator of the Non-Governmental Organization 'Casa das Pretas'. Professor of the Interdisciplinary Postgraduate Program in Applied Linguistics (PIPGLA/UFRJ), the Postgraduate Program in Ethnic and Racial Relations (PPRER/CEFET/RJ) and the Postgraduate Program in Community Psychosociology and Social Ecology of the Institute of Psychology (PPGPCESI-UFRJ). Coordinator of the ORI Group - Research Group on Race, Gender and Sexuality (CNPq). The dossier focuses on bringing together a set of epistemologies of anti-racist pedagogy, problematizing the linear and unique narratives present in contemporary times. In her interview Fátima indicates clues, but paradoxically places us before epistemic, political and educational

crossroads. Her voice also echoes, indicating that many other women, some already ancient, paved the way for us to follow today.

**Keywords:** black epistemologies; anti-racism; *escrevivências*.

## **Conversatorio de puertas abiertas con Fátima Lima: “EPISTEMOLOGÍAS DE LA PEDAGOGÍA ANTIRRACISTA: alternativas del pensamiento hegemónico estructural”**

### **RESUMEN**

La entrevista de este dossier, que presenta la “EPISTEMOLOGÍAS DE LA PEDAGOGÍA ANTIRRACISTA: alternativa del pensamiento hegemónico estructural”, ha sido concebida por la Profesora Doctora Fátima Lima. Mujer, nororiental, negra, lesbiana, militante de otras tantas cosas. Maestra Asociada de la Universidad Federal de Rio de Janeiro/UFRJ/Campus Macaé. Colaboradora de la Organización no gubernamental ‘Casa das Pretas’. Maestra del Programa Interdisciplinar de Posgrado en Lingüística Aplicada (PIPGLA/UFRJ), del Programa de Posgrado en Relaciones Étnico Raciales (PPRER/CEFET/RJ) y del Programa de Posgrado en Psicosociología de Comunidades y Ecología Social del Instituto de Psicología (PPGPCEI-UFRJ). Coordinadora del Grupo ORI – Grupo de investigación en Raza, Género y Sexualidad (CNPq). El dossier presenta un conjunto de epistemologías de la pedagogía antirracista y cuestiona las narrativas lineares y únicas presentes en la contemporaneidad. En su entrevista, Fátima muestra huellas, pero paradójicamente, nos deja delate de encrucijadas epistémicas, políticas y educativas. Su voz reverbera y también indica que muchas otras mujeres, algunas ancestrales, abrieran camino para que hoy pudiéramos seguir.

**Palabras clave:** epistemologías negras; antirracismo; *escrevivências*.

## **ABRINDO OS CAMINHOS...**

A universidade não é o lugar do conhecimento. A universidade é UM lugar de conhecimento.

E foi assim, com a porta aberta, que a professora Fátima Lima nos convidou para entrar em um “nós compartilhado”. Em um dossiê dedicado a tecer as Epistemologias da Pedagogia Antirracista, a porta aberta é irrupção do projeto da colonialidade. Nesse sentido, e com base em aula ministrada na disciplina Pesquisa Narrativa Afroreferenciada em Educação, Fátima se senta à mesa e tece uma conversa e convida a quem a lê a se ler nela e com ela.

Fátima não caminha sozinha. Com ela caminham tantas outras: Glória Anzaldúa, Conceição Evaristo, Grada Kilomba, Lélia Gonzalez... É, portanto, uma mesa cheia e farta em vozes para conversar com a boca cheia.

## **QUE PERCURSOS LEVAM FÁTIMA A ABRIR A PORTA**

**Fátima** – Eu acabei vindo morar aqui no Rio de Janeiro em 2010 e lá se vão treze anos que eu estou aqui. Há treze anos eu dou aula na graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Eu sou lotada no Campus Macaé/RJ no curso de Medicina. Eu fui a primeira antropóloga, e hoje ainda uma das poucas no país, a atuar no curso de Medicina. Eu atuo em uma área chamada Saúde Coletiva, dando aula preferencialmente para cursos da área da saúde ou para a Medicina. Paralelo a essa minha história com a graduação, eu também fui fazer uma vida aqui. Eu fui fazendo a minha vida na militância. Eu não conheço um outro jeito de estar na vida senão o jeito ativista e isso não é de agora. Eu me lembro que com doze ou treze anos, eu acreditava que preferencialmente era a classe que editava todas as formas de opressão, e hoje eu acho que é a raça, atravessada pela classe, que respondem por essa edição. Eu participei ativamente do movimento secundarista, entrei muito jovem na União da Juventude Socialista (UJS), me filiei ao Partido Comunista do Brasil (PCdoB), participei do movimento LGBT enquanto uma mulher lésbica, enfim, essa trajetória acompanha toda a minha vida. Quando eu chego para morar no Rio de Janeiro,

eu já chego com essa bagagem. Eu já chego para ser professora entrando com os feminismos que me moviam, e depois com o movimento de mulheres negras e com os estudos raciais. Na pós-graduação, eu fiz uma trajetória muito interessante. Eu entrei no Programa de Linguística Aplicada, que é onde eu atuo até hoje. É um programa da Faculdade de Letras da UFRJ. Linguística Aplicada é um nome difícil que assusta muita gente. Há pessoas que acham que Linguística Aplicada é para estudar a “estrutura da língua”, mas não é nada disso. Ela estuda os discursos em movimento na sociedade. Logo depois, eu entrei para ser professora do Programa de Pós-graduação em Relações Étnico-raciais (PPRER). É um Programa que funciona no CEFET/RJ e eu digo que é um bom lugar. Eu estou há mais ou menos uns seis anos lá. É um programa hegemonicamente negro, que supera a expectativa de cota. Lá não existe cinquenta por cento mais cinquenta por cento. Eu posso afirmar que noventa por cento dos estudantes de lá são estudantes negros. E agora, recentemente, eu fui credenciada no Programa de Pós-graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (EICOS). Eu estou em três Programas de Pós-graduação e esse é o número máximo de programas em que eu posso atuar. Isso não se dá por uma lógica de produtividade. Eu não tenho bolsa de produtividade, eu não ando atrás disso. Eu estou nesses lugares porque eu tenho que manter os pontos que eu venho trabalhando: o tema racial, o debate com a interseccionalidade, dialogando com classe, com gênero e, preferencialmente, formando os estudantes negros e negras. Isso não é um critério, mas os temas com os quais eu trabalho têm atraído muito mais estudantes negros e negras. E aí eu estou nessa cidade sustentada por tudo isso. Eu também faço parte do Coletivo de Docentes Negros da UFRJ, do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI) e da Superintendência de Ações Afirmativas, Diversidade e Inclusão (UFRJ).

## **O CONHECIMENTO SE TECE NAS NOSSAS REDES**

**Fátima** – Não acredito que o lugar do conhecimento é a academia. Mas a academia é o lugar de um conhecimento. Eu acho que tem uma diferença entre nomear a academia como o lugar do

conhecimento e como o lugar de um conhecimento. Esse conhecimento eu estudo também, mas é o que eu digo: a vida sempre antecede a academia. Tem uma coisa que a Glória Anzaldúa (2021) diz que está num livro chamado “A vulva é uma ferida aberta e outros ensaios”: eles mentiram para nós. Não existe separação entre a escrita e a vida. Então, eu estou acreditando nessas coisas. Eu permaneço na academia até hoje porque eu sou muito feliz profissionalmente, porque esse é também um lugar de ajuntamento. Eu também sou colaboradora na Casa das Pretas, que é uma ONG que ficou muito conhecida por ter sido, infelizmente, o último lugar de onde Marielle Franco saiu e, poucos minutos depois, foi assassinada. Sou orientadora de Anielle Franco. Fui orientadora dela no mestrado e hoje sou no doutorado. Ela sempre me diz que, mesmo tendo vivido tão perto da UFRJ, ela nunca pensou que um dia pudesse estudar lá e o sonho dela é também ser professora. Ela hoje está atuando como Ministra da Igualdade Racial, mas eu sempre a lembro, repetindo a fala de Suely Carneiro (2000): entre a esquerda e a direita, continuo sendo preta. Então, juntando a militância, juntando as orientações, juntando a Casa das Pretas, juntando a comunidade LGBT, juntando o gosto de estudar (porque eu gosto de estudar também), juntando o gosto de escrever (a conversa aqui na verdade é para gente falar sobre o gostar de escrever), a gente encontra a Fátima.

## **VOLTAR A GOSTAR DE ESCREVER**

**Fátima** – Sobre o gostar de escrever, desestimulam muito a gente. E quando eu falo “a gente”, e falo das mulheres, principalmente. Eu falo das mulheres negras e da comunidade LGBT. Estamos muito desestimuladas e desestimuláveis da escrita, porque parece que essa escrita não é nossa. Tudo isso tem uma origem no racismo. Basta ver os cursos ocupados pela “gente”. Nós estamos na Pedagogia, nas Licenciaturas, nas Ciências Sociais. A gente hoje vive um momento em que há muitos negros na academia. Mas os negros e a comunidade LGBT que hoje estão na academia tiveram poucos exemplos com os quais pudessem se identificar nesses espaços. Era muito raro, por exemplo, a gente encontrar na academia a

comunidade das travestis. E se essas travestis são negras, aí fica muito mais difícil. Elas agora começaram a entrar e talvez tenhamos aí umas cinco pessoas negras. Na Medicina, eu até vi, mas era um homem trans branco cursando. E essa entrada vai questionar os trâmites, o conhecimento que se dá na universidade, que até então nunca haviam sido questionados pelo seu lugar social, pelo seu lugar de reparação. Esse papel é o que eu posso chamar de reparação epistêmica. O Instituto de Psicologia, por exemplo, está pegando fogo! Os alunos estão questionando desde o início da graduação. Onde isso seria possível há dez, quinze anos atrás?

## **LÉLIA GONZALEZ COM A PORTA ABERTA**

**Fátima** – Lélia Gonzalez conseguiu muita coisa na vida. Ela é uma das maiores intelectuais orgânicas que a gente tem. Uma intelectual muito sofisticada, com um pensamento muito profundo. O único cargo que ela desejou, mas não conseguiu, foi o de coordenadora do curso de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica (PUC). Ela foi do Partido dos Trabalhadores (PT), ela fundou o Partido Democrático Trabalhista (PDT), ela trabalhou com Brizola, ela fundou o Movimento Negro Unificado (MNU), mas o lugar que poderia reconhecê-la também como acadêmica, como uma intelectual universitária, não a reconheceu. Então, dez ou vinte anos atrás, os livros que debatiam a questão racial a partir dos negros eram proibidos de circular. Um exemplo é o livro *Pele negra, máscaras brancas*, de Frantz Fanon, que teve a sua circulação proibida em vários países da Europa. Esses livros também eram condenados na América Latina. Quem iria citar Fanon na academia? Quem iria citar Lélia Gonzalez? As pessoas da academia costumavam dizer que se tratava de uma literatura de segunda categoria. Mas hoje quem terá coragem de dizer isso? Hoje nós temos duas coletâneas da Lélia publicadas e os textos estão circulando. Hoje a gente tem um conhecimento periférico, um conhecimento de favela em circulação. Essas mulheres pretas da favela estão organizadas.

Correnteza é água que não volta mais pra trás

Fátima – Eu venho para essa conversa falar que, mesmo estando muito distante do que queremos alcançar, não tem mais

volta. Um exemplo disso é que não adianta traduzir só as obras de autores negros. Acho ótimo que estejam traduzindo, mas precisamos estudar as intelectuais negras brasileiras. Vamos ler Beatriz Nascimento, vamos ler a Lélia Gonzalez! Em certa ocasião, Ângela Davis esteve no Brasil e afirmou: “olha, vocês têm uma intelectual aqui no Brasil que é Lélia e vocês estão só atrás de mim o tempo todo”. O problema é que tem uma produção latino-americana que não entra na academia. Não vamos nos iludir com o percentual que aparenta uma transformação. As vagas nos concursos ainda continuam sendo ocupadas por pessoas brancas e cis. A gente precisa fazer uma pressão muito grande nisso, mas de fato nós estamos no auge da onda! E o conhecimento daqui a dez, vinte anos não será o mesmo. O meu desejo é que os mestrandos e doutorandos ousem hoje escrever teses e dissertações que seus avós possam entender. Temos a chance de ouvir Conceição Evaristo encarnada, temos Luciene Lacerda, temos a chance de viver esse encontro intergeracional com essas pessoas que estão aí. Hoje a gente pode fazer uma tese, uma dissertação só com literatura de mulheres, só com literatura negra. Basta querer e basta fazer um quilombo.

## **O BICHO PAPÃO DA METODOLOGIA**

**Fátima** – Há muita gente que defende piamente que a metodologia é uma armadura que você irá colocar dentro do objeto. Aí, a metodologia vira um “bicho papão”. Por que temos tanto medo da metodologia? A escrita deveria ser um momento de grande aventura, de um grande encontro. Por que quem está fazendo mestrado tem que sofrer tanto? Será que metodologia é isso mesmo que dizem por aí? Mesmo com todos esses métodos canônicos, tem gente inventando, criando outras metodologias. Tem gente criando uma metodologia chamada de abebênic. E o que é o abebê? É o espelho que Oxum e Iemanjá carregam. Esse espelho, ele olha pra gente, mas ele olha para o outro também. Tem uma tese de 2019, defendida no Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais, intitulada “A gente é muito maior, a gente é um corpo coletivo: produções de si e de mundo a partir da ancestralidade,



afetividade e intelectualidade de mulheres negras lésbicas e bissexuais”, de autoria de Paula Gonzaga, em que a autora trabalha com a metodologia abebênica. A gente precisa fazer igual a Ogum: derreter o ferro e armar a ferradura pra guerra.

## **CONVIDANDO CONCEIÇÃO, GRADA E GLÓRIA PARA A MESA**

**Fátima** – E agora eu vou colocar essas três mulheres para conversar conosco: uma é Conceição Evaristo, com 76 anos de idade hoje; a outra é Grada Kilomba, com 55 anos de idade; e Glória Anzaldúa, que morreu em 2004 muito jovem, com apenas 61 anos. E o ponto de conexão de que parto para conversar com elas é de que não existem os oprimidos, nem existem os vulneráveis. O que existe são os processos de opressão e de vulnerabilidade. Ser mulher nos coloca na condição de vulnerabilidade e de opressão. Eu não vou andar às cinco horas da manhã na Praia do Pecado em Macaé (RJ), por exemplo. Da mesma forma, ser trans também ilustra esse processo de vulnerabilidade e de opressão. Ser trans negra ainda mais. Ser de um contexto de comunidade inscreve o sujeito em um processo de vulnerabilidade. É esse olhar que as pessoas perderam. Esse olhar sobre a chave interseccional. Parece que interseccionalizar é a coisa mais fácil do mundo, mas não é. Interseccionalizar é um treinamento muito profundo. É fazer cada vez mais o olhar que se aprimora para a diferença aparecer com uma opção, e não juntar simplesmente as coisas. Então eu estou trazendo essas três mulheres: Conceição, Grada e Glória. Vou começar com Glória, com quem converso a partir do texto “Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo” (2000). Sempre que vocês estiverem muito desacreditadas ou desacreditáveis, leiam esse texto. Glória Anzaldúa nos diz que escrever passa por escavar uma escara. É uma escrita pequena que tem oito páginas. É um texto que fala muito dessa nossa capacidade terrível de se autossabotar o tempo todo, ou porque tem que fazer a comida, ou porque tem que levar o filho na escola, ou porque está com preguiça, ou por achar que não é capaz. Tem muita violência e perversidade na academia, tal como nos diz também Grada Kilomba. E é uma perversidade sutil, abarcada de racismo. É um racismo que

Mbembe (2020) vai chamar de nanorracismo. Ninguém vai atacar a quem escreve diretamente com uma narrativa racista, mas vai questionar: será que você tem mérito? Será que a academia é pra você? Você tem certeza de que você vai dar conta? Você está grávida... será que vai dar conta mesmo? Você vai fazer o santo... Você vai dar conta? Tem uma certa sutileza hoje que é o Mbembe chama de nanorracismo. Então, Glória Anzaldúa vai nos dizer que escrever é um ato de insubordinação, de teimosia. Eu acho que a palavra resistência foi perdendo a força e por isso eu uso a palavra teimosia, até porque é uma palavra muito nordestina. Então, Glória nos traz isso, essa teimosia. Tem um outro texto de Glória que se chama "Como domar uma língua selvagem" (2009). Uma língua selvagem, no mínimo, não pode ser muito domada. É como a máscara de Anastácia que o artista Yuri Cruz vai tirar e que Conceição Evaristo (2017) vai dizer que a máscara sempre foi estilhaçada. Então, a língua selvagem precisa ficar calada, tal como a imagem do rosto de Anastácia foi escolhida a partir da expressão do silenciamento. Eu sempre questiono: como que se dá aula em Ciências Sociais sem Guerreiro Ramos, sem Clóvis Moura, se esses intelectuais negros fazem parte da construção do pensamento social brasileiro? Essa é uma língua felina, que para a academia precisa ser domada. A grande frase da Lélia Gonzalez sobre tudo isso está no livro "Racismo e sexismo na cultura brasileira" (1987), quando ela vai dizer: agora o lixo vai falar, e numa boa. Ela nem pergunta se pode falar. Ela é diferente da Gayatri Spivak (2010) que vai perguntar se pode o subalterno falar. Não tenho nada contra a Spivak, nem nada contra esse texto. Eu acho que é um trabalho muito importante quando ela vai questionar o silenciamento das mulheres indianas diante do falecimento de seus maridos. Mas é um questionamento que eu não faria hoje. Hoje, a gente pode perguntar: "como a subalterna diz?", "como as subalternidades falam?" e "como elas podem ser ouvidas?". Isso tem muito a ver com o regime de fala e com o regime de escuta também. Esse texto da Lélia González que mencionei anteriormente é um texto de 1987 e ela apresentou na reunião da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS). Agora você imagina essa mulher, em 1987, apresentando um texto do livro Racismo e sexismo na cultura

brasileira, questionando o pensamento hegemônico de que a “subalternidade deve permanecer na subalternidade”? Inclusive havia uma teoria que comparava os negros ao resto, ao lixo. Então, Lélia se coloca dizendo que não há problema em ser nomeada como o lixo, mas que o lixo irá falar, e numa boa!

## **TRAZER AS EPISTEMOLOGIAS NEGRAS PARA O CENTRO**

**Fátima** – Eu aqui não estou trazendo nada novo. Tudo já está aí. Eu afirmo que é preciso trazer essas epistemologias para o centro dos nossos trabalhos. Com Grada Kilomba (2021), aprendemos acerca do sujeito político da escrita. Nesse texto, ela nos fala como a academia é violenta. Inclusive, o livro Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano é uma tese de doutorado em psicanálise defendida na Alemanha. E ela chegou a ser professora, mas hoje ela escolheu outra coisa. Ela é artista e pode abrir mão da academia. E outro livro de referência para esse movimento é Escrivência: escrita de nós (2020), que é um compilado e que possui dois textos de Conceição Evaristo. Esse é o único livro de intelectuais acadêmicas que têm defendido a escrituragem ou como uma ferramenta, ou como um gesto metodológico. Assumir a escrituragem como trilha metodológica tem produzido pânico na academia.

## **A ESCRIVÊNCIA E OS USOS**

**Fátima** – Hoje nós vivemos o debate de diferentes sujeitos que reivindicam o direito de produzir escrituragens, inclusive pessoas não negras. Eu penso que é preciso perguntar a essas pessoas por que elas optaram por fazer escrituragens. Conceição Evaristo, enquanto criadora do conceito, disse que ela não é a pessoa a afirmar quem pode ou quem não pode fazer. Eu perguntaria por que essa pessoa não negra quer fazer escrituragem se a escrituragem é uma possibilidade de encontro do que há em comum na diáspora africana, na diáspora negra? Por que a pessoa não mulher e não negra quer usar esse conceito se ela não é uma pessoa atravessada por essa experiência? Precisamos considerar, contudo, que a

escrevivência tem mexido profundamente com a mulheres indígenas, por exemplo. As mulheres indígenas vivem a mesma experiência das mulheres negras? Não. Elas não vivenciaram a experiência da diáspora. Até porque a comunidade indígena tem afirmado o território da identidade. Já a comunidade negra procura até hoje o suposto ponto de origem. É por isso que Saidiya Hartman (2021) vai escrever o livro *Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão*, que trata justamente da ideia de perder uma mãe originária. Mas não se pode dizer que às mulheres indígenas não é dado o direito de tecer escrituras se elas se sentem atravessadas por isso, porque elas experimentam o sistema de opressão. Conceição Evaristo não está preocupada com as categorias. Quem gosta de categorizar os sujeitos são os cientistas sociais. Você nunca vai encontrar nos textos de Conceição as palavras sapatão, gay, lésbica... nos textos dela, a dimensão da sexualidade racializada aparece de um outro jeito. Um exemplo disso está no conto "Isaltina Campo Belo" no livro *Insubmissas lágrimas de mulheres* (EVARISTO, 2016). Só que Isaltina e todas as outras mulheres que estão nesse livro podem contar essa história de um outro lugar. Elas podem contar uma história que atravessa a dor sem se calcificar na dor. É preciso fazer isso na academia: contar histórias da própria vida ou da vida das pessoas com quem a pesquisa caminha, sem separar a escrita da vida. Mas, se for para adotar a escritura, não basta só colocar lá junto com outras metodologias canônicas. É necessário sustentar a escritura enquanto gesto metodológico.

## **OUTROS MODOS DE PESQUISA NARRATIVA**

**Fátima** – Então, eu venho aqui falar de outros modos de fazer. A pesquisa narrativa já não é tão bem recebida na academia. Imagine agora em que algumas pesquisas estão forjando narrativas escrituras e conversas escrituras? O ponto central está na pergunta: como uma narrativa escritura ou uma conversa escritura são diferentes de uma narrativa e de uma conversa? Em que é diferente? O que elas precisam movimentar para realmente serem escrituras? A única coisa que eu sei é que uma narrativa

escreviente precisa encontrar o mundo dessas sujeitas que estão envolvidas nesse processo do fazer o trabalho acadêmico. É uma história que faz encontrar a vida das mulheres negras no “em comum”. É preciso mostrar como essa escrita que está inscrita em quem produz está também inscrita na comunidade que excede o sujeito, que está além do corpo de quem produz. E não trato aqui do corpo individual. Indivíduo é uma palavra que não cabe muito nos estudos etnicorraciais. São singularidades, são histórias singulares. O corpo negro já é a linguagem. Ele é a linguagem da própria diáspora.

*Entrevista concedida em novembro de 2023.*

## Referências

ANZALDÚA, Glória. **A vulva é uma ferida aberta e outros ensaios**. Trad. de Tatiana Nascimento. Rio de Janeiro: A Bolha, 2021.

ANZALDÚA, Glória. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Revista Estudos Feministas**. v. 8, n 1, p. 229-236, 2000.

ANZALDÚA, Glória. Como domar uma língua selvagem. **Cadernos de Letras da UFF** – Dossiê: Difusão da língua portuguesa, nº 39, p. 297-309, 2009.

EVARISTO, Conceição. Nossa fala estilhaça a máscara do silêncio. **Carta Capital**, 13 de mai. 2017. Entrevista. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/conceicao-evaristo-201cnossa-falaestilhaca-a-mascara-do-silencio201d/>. Acesso em: 16 nov. 2023.

EVARISTO, Conceição. A Escrivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância; NUNES, Isabella. **Escrevivência**: a escrita de nós - Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. RJ, Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: DUARTE, Constância;

NUNES, Isabella. **Escrevivência**: a escrita de nós - Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. RJ, Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. 2.ed. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, São Paulo, p. 223-244, 1987.

HARTMAN, Saidiya. **Perder a mãe**: uma jornada pela rota atlântica da escravidão. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MBEMBE, Achille. **Políticas da inimizade**. São Paulo, SP: N-1 edições, 2020.

SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.